

FERNANDO SAVATER

ÉTICA

PARA UM JOVEM



E d i t o r i a l P r e s e n ç a

FICHA TÉCNICA

Título original: *Ética para Amador*

Autor: *Fernando Savater*

© by Fernando Savater

© by Editorial Ariel, S. A., Barcelona

Edição publicada por acordo com Editorial Ariel, Espanha

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 1993

Tradução: *Miguel Serras Pereira*

Capa: *Fernando Felgueiras*

Fotocomposição: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Impressão e acabamento: *Guide — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, 1993

2.ª edição, Lisboa, 1994

3.ª edição, Lisboa, 1995

4.ª edição, Lisboa, Fevereiro, 1997

5.ª edição, Lisboa, Janeiro, 1998

Depósito legal n.º 118 146/97

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Rua Augusto Gil, 35-A 1000 LISBOA

Email: info@editpresenca.pt

Internet: <http://www.editpresenca.pt/>

CAPÍTULO PRIMEIRO
DE QUE TRATA A ÉTICA ✓

1. Introdução

2. O que é ética? (definição, importância, etc.)
3. A ética na sociedade contemporânea
4. A ética e a moralidade
5. A ética e a religião
6. A ética e a filosofia

Há ciências que se estudam pelo simples interesse de saber coisas novas; outras, para se adquirir uma capacidade que permita fazer ou utilizar alguma coisa; a maioria, para se conseguir um lugar de trabalho e com ele ganhar a vida. Se não sentirmos curiosidade nem necessidade de realizar esses estudos, poderemos prescindir deles tranquilamente. Abundam os conhecimentos interessantíssimos, mas sem os quais nos podemos perfeitamente arranjar para viver: eu, por exemplo, lamento não ter a menor ideia de astrofísica nem de marcenaria, coisas que a outros darão tanto prazer, ainda que essa ignorância não me tenha até à data impedido de me ir aguentando. E tu, se não me engano, conheces as regras do futebol mas estás bastante a leste do baseball. O que não tem importância de maior: divertes-te com os mundiais e deixas olímpicamente de lado a liga americana, e pronto, assim é melhor para todos.

O que quero dizer com isto é que há certas coisas que podemos, conforme nos dê jeito, aprender ou não. Como ninguém é capaz de saber tudo, não temos outro remédio senão escolher e aceitar com humildade o muito que ignoramos. Pode viver-se sem saber astrofísica, marcenaria, futebol e até mesmo sem saber ler nem escrever: vive-se pior, se quiseres, mas vive-se. Ora bem, há outras coisas que temos de saber, porque nelas, como costuma dizer-se, *está em jogo a nossa vida*. É preciso estarmos ao corrente de que, por exemplo, saltar da janela de um sexto andar não é coisa que faça bem à saúde; ou de que uma dieta de pregos (os faquires que me perdoem!) e ácido prúsico não permite a ninguém chegar a velho. Igualmente não é aconselhável ignorar que, se de cada vez que nos cruzamos com o vizinho lhe damos uma pancada, as conseqüências, mais cedo ou mais tarde,

acabarão por ser extremamente desagradáveis. Estas ninharias têm a sua importância. Podemos viver de muitas maneiras, mas há maneiras que não deixam viver.

Numa palavra, entre todos os saberes possíveis existe pelo menos um que é imprescindível: o de que certas coisas nos *convêm* e outras não. Não nos convêm certos alimentos nem nos convêm certos comportamentos — nem certas atitudes. Refiro-me, claro está, ao facto de não nos convirem se quisermos continuar a viver. Se alguém quiser acima de tudo acabar depressa, pode ser muito recomendável beber lixívia ou ainda procurar rodear-se do maior número de inimigos possível. Mas de momento vamos supor que é viver que preferimos: os respeitáveis gostos do suicida deixá-los-emos por agora de parte. Assim, há certas coisas que nos convêm, e ao que nos convém costumamos chamar «bom», porque nos cai *bem*; outras coisas, em contrapartida, caem-nos muito *mal*, e a tudo isso chamamos «mau». Sabermos o que nos convém, quer dizer, distinguir entre o bom e o mau, é um conhecimento que todos tentamos adquirir — todos sem excepção — pelos resultados que nos traz.

Como já indiquei antes, há coisas boas e más para a saúde: é necessário saber o que devemos comer ou que o lume às vezes aquece e às vezes queima, bem como que a água, se pode matar a sede, também nos pode afogar. Em todo o caso, nem sempre as coisas são tão simples: certas drogas, por exemplo, aumentam a nossa coragem ou produzem sensações agradáveis, mas abusar delas continuamente poderá ser prejudicial. Sob certos aspectos são boas, mas sob outros aspectos más: convêm-nos e, ao mesmo tempo, não nos convêm. No terreno das relações humanas, estas ambiguidades acontecem ainda com maior frequência. A mentira é geralmente uma coisa má, porque destrói a confiança na palavra — e todos necessitamos de falar para viver em sociedade — e deixa as pessoas de mal umas com as outras; mas às vezes dir-se-ia que pode ser útil ou benéfico mentir em vista de se conseguir certa vantagem. Ou até para se fazer um favor a alguém. Por exemplo: será melhor dizer ao doente que sofre de um cancro incurável, a verdade sobre o seu estado, ou deveremos enganá-lo, a fim de que ele passe sem angústia as suas últimas horas? A mentira não nos convém, é má, mas às vezes parece tornar-se boa. Brigar com os outros, já o dissemos, é normalmente inconveniente, mas deveremos por isso consentir que violem diante de nós uma rapariga sem

intervirmos, só para não nos metermos em sarilhos? Por outro lado, aquele que diz sempre a verdade — aconteça o que acontecer — costuma ter problemas com toda a gente; e quem intervém como o Indiana Jones para salvar a rapariga atacada é mais provável que fique com a cabeça partida do que se continuasse a assobiar no seu caminho para casa. O mau parece às vezes tornar-se mais ou menos bom e o bom tem em certas ocasiões a aparência de mau. Palmas!

Saber viver não é lá muito fácil porque existem diversos critérios opostos em relação ao que devemos fazer. Em matemáticas ou geografia há sábios e ignorantes, mas os sábios estão quase sempre de acordo quanto ao fundamental. Quando se trata de viver, em contrapartida, as opiniões estão muito longe de serem unânimes. Se alguém quiser levar uma vida emocionante, poderá dedicar-se à Fórmula Um ou ao alpinismo; mas, se preferir uma vida segura, será melhor que procure as suas aventuras no clube de vídeo da esquina. Alguns afirmam que viver para os outros é o que há de mais nobre e outros dizem que o mais útil é fazer com que os outros vivam para nós. Segundo certas opiniões o que conta é ganhar dinheiro e nada mais, enquanto outros defendem que o dinheiro sem saúde, tempo livre, afecto sincero ou serenidade de espírito de nada vale. Há médicos respeitáveis que declaram que renunciar ao tabaco e ao álcool é um meio seguro de se viver mais, ao que bêbados e fumadores respondem que com tais privações a vida se tornaria para eles insuportável. Etc.

↗ O único ponto sobre o qual, à primeira vista, estamos todos de acordo é que nem todos estamos de acordo. Mas lembra-te de que as opiniões diferentes coincidem também num outro ponto: a saber, que aquilo que vai ser a nossa vida é, pelo menos *em parte*, resultado do que quiser cada um de nós. Se a nossa vida fosse algo completamente determinado e fatal, irremediável, todas estas questões careceriam do mínimo sentido. Ninguém discute para saber se as pedras caem para cima ou para baixo: caem para baixo, ponto final. Os castores fazem represas nos ribeiros e as abelhas favos com alvéolos hexagonais: não há castores que se sintam tentados a fazer alvéolos de favos, nem abelhas que se dediquem à engenharia hidráulica. No seu meio natural, cada animal parece saber perfeitamente o que é bom e o que é mau para ele, sem discussões nem dúvidas. Não há animais *maus* nem *bons* na Natureza, embora talvez a mosca considere *má* a aranha que lhe lança a sua teia e a come. Mas a aranha não o pode evitar...

Vou contar-te um caso dramático. Já ouviste falar das térmitas, essas formigas-brancas que, em África, constroem formigueiros impressionantes, com vários metros de altura e duros como pedra. Uma vez que o corpo das térmitas é mole, por não ter a couraça de quitina que protege outros insectos, o formigueiro serve-lhes de carapaça colectiva contra certas formigas inimigas, mais bem armadas do que elas. Mas por vezes um dos formigueiros é derrubado, por causa de uma cheia ou de um elefante (os elefantes, que havemos nós de fazer, gostam de coçar os flancos nas termiteiras). A seguir, as térmitas-operário começam a trabalhar para reconstruir a fortaleza afectada, e fazem-no com toda a pressa. Entretanto, já as grandes formigas inimigas se lançam ao assalto. As térmitas-soldado saem em defesa da sua tribo e tentam deter as inimigas. Como nem no tamanho nem no armamento podem competir com elas, penduram-se nas assaltantes tentando travar o mais possível o seu avanço, enquanto as ferozes mandíbulas invasoras as vão despedaçando. As operárias trabalham com toda a velocidade e esforçam-se por fechar de novo a termiteira derrubada... mas fecham-na deixando de *fora* as pobres e heróicas térmitas-soldado, que sacrificam as suas vidas pela segurança das restantes formigas. Não merecerão estas formigas-soldado pelo menos uma medalha? Não será justo dizer que são *valentes*?

Mudo agora de cenário, mas não de assunto. Na *Ilíada*, Homero conta a história de Heitor, o melhor guerreiro de Tróia, que espera a pé firme fora das muralhas da sua cidade Aquiles, o enfurecido campeão dos Aqueus, embora sabendo que Aquiles é mais forte do que ele e que vai provavelmente matá-lo. Fá-lo para cumprir o seu dever, que consiste em defender a família e os concidadãos do terrível assaltante. Ninguém tem dúvidas: Heitor é um herói, um homem valente como deve ser. Mas será Heitor heróico e valente da mesma maneira que as térmitas-soldado, cuja gesta milhões de vezes repetida nenhum Homero se deu ao trabalho de contar? Não faz Heitor, afinal de contas, a mesma coisa que qualquer uma das térmitas anónimas? Porque nos parece o seu valor mais autêntico e mais *difícil* do que o dos insectos? Qual é a diferença entre um e outro caso?

Muito simplesmente, a diferença assenta no facto de as térmitas-soldado lutarem e morrerem porque *têm* de o fazer, sem que possam evitá-lo (como a aranha come a mosca). Heitor, pelo seu lado, sai para enfrentar Aquiles porque *quer*. As térmitas-soldado não podem deser-

tar, nem revoltar-se, nem fazer cera para que outras vão em seu lugar: estão *programadas* necessariamente pela Natureza para cumprirem a sua heróica missão. O caso de Heitor é distinto. Poderia dizer que está doente ou que não tem vontade de se bater com alguém mais forte do que ele. Talvez os seus concidadãos lhe chamassem cobarde e o considerassem insensível ou talvez lhe perguntassem que outro plano via ele para deter Aquiles, mas é indubitável que Heitor tem a possibilidade de se recusar a ser herói. Por muita pressão que os restantes exercessem sobre ele, ele teria sempre maneira de escapar daquilo que se supõe que deve fazer: não está *programado* para ser herói, nem o está seja que homem for. Daí que o seu gesto tenha mérito e que Homero nos conte a sua história com uma emoção épica. Ao contrário das térmitas, dizemos que Heitor é *livre* e por isso admiramos a sua coragem.

E chegamos assim à palavra fundamental de toda esta embrulhada: *liberdade*. Os animais (para já não falarmos nos minerais e nas plantas) não podem evitar ser como são e fazer aquilo que naturalmente estão programados para fazer. Não se lhes pode censurar que o façam nem aplaudi-los pelo que fazem, *porque não sabem comportar-se de outro modo*. As suas disposições obrigatórias poupam-lhes sem dúvida muitas dores de cabeça. Em certa medida, de início, nós, os homens, também estamos programados pela Natureza. Estamos feitos para beber água, e não lixívia, e tomemos as precauções que tomarmos, mais cedo ou mais tarde, morreremos. E de modo menos imperioso mas análogo, o nosso programa *cultural* é também determinante: o nosso pensamento é condicionado pela linguagem que lhe dá forma (uma linguagem que nos é imposta de fora e que não inventámos para nosso uso pessoal) e somos educados em certas tradições, hábitos, formas de comportamento, lendas...; numa palavra, são-nos inculcadas desde o berço certas fidelidades e não outras. Tudo isto pesa muito e faz com que sejamos bastante previsíveis. Por exemplo, Heitor, de quem acabamos de falar. A sua programação natural fazia com que Heitor sentisse necessidade de protecção, tecto e colaboração, benefícios que melhor ou pior encontrava na sua cidade de Tróia. Também era muito natural que considerasse com afecto a sua mulher, Andrómaca — que lhe proporcionava uma agradável companhia —, e o filhinho, perante o qual sentia os laços de um apego biológico. Culturalmente, sentia-se parte de Tróia e compartilhava com os Troianos a língua, os costumes e as tradições. Além disso, fora educado desde pequeno para ser um

bom guerreiro ao serviço da sua cidade, tendo-lhe sido dito que a cobardia era uma coisa odiosa, indigna de um homem. Se atraísse os seus, Heitor sabia que seria desprezado e, de uma maneira ou de outra, punido. De modo que estava também bastante programado para actuar como actuou, não é verdade? E contudo...

Contudo, Heitor teria podido dizer: que se lixe isso tudo! Poderia ter-se disfarçado de mulher para fugir de Tróia durante a noite, ou ter-se fingido doente ou louco para não combater, ou ter-se posto de joelhos diante de Aquiles oferecendo-lhe os seus serviços como guia para invadir Tróia pelo lado mais fraco; também poderia ter-se dedicado à bebida ou ter inventado uma nova religião que dissesse que não devemos lutar contra os nossos inimigos, mas oferecer a outra face quando nos esbofetiam. Dir-me-ás de todos estes comportamentos teriam sido bastante *estranhos*, sendo Heitor quem era e tendo recebido a educação que recebera. Mas tens de reconhecer que não são hipóteses *impossíveis*, ao passo que um castor que fabrique favos ou uma térmita desertora não são só uma coisa estranha como também estritamente impossível. Com os homens nunca podemos ter bem a certeza, ao passo que com os animais, ou outros seres naturais, sim. Por grande que seja a nossa programação biológica ou cultural, nós, seres humanos, podemos acabar por optar por algo que não está no programa (pelo menos que lá não está *totalmente*). Podemos dizer «sim» ou «não», quero ou não quero. Por muito apertados que nos vejamos pelas circunstâncias, nunca temos *um só* caminho a seguir, mas sempre vários.

Quando te falo de liberdade é a isto que me refiro. Ao que nos diferencia das térmitas e das marés, de tudo o que se move de modo necessário e irremediável. É verdade que não podemos fazer *tudo o que quisermos*, mas também é certo que não estamos obrigados a querer fazer uma coisa só. E aqui convém introduzir dois esclarecimentos a propósito da liberdade:

- Primeiro: não somos livres de escolher o que nos acontece (ter nascido certo dia, de certos pais, em tal país, sofrer de um cancro ou ser atropelados por um carro, ser bonitos ou feios, que os Aqueus queiram conquistar a nossa cidade, etc.), mas somos livres de responder desta maneira ou daquela ao que nos acontece (obedecer ou revoltar-nos, ser prudentes ou temerários, vingativos ou resignados, vestir-nos de acordo com a moda ou disfarçar-nos de urso das cavernas, defender Tróia ou fugir, etc.).

• *Segundo*: sermos livres de *tentar* alguma coisa nada tem a ver com a sua *obtenção* indefectível. A liberdade (que consiste em escolher dentro do possível) não é a mesma coisa que a onnipotência (que seria alguém conseguir sempre aquilo que quer, ainda que tal pareça impossível). Por isso, quanto maior *capacidade* de acção tenhamos, melhores resultados poderemos obter da nossa liberdade. Sou livre de querer subir ao monte Everest, mas, dado o meu lamentável estado físico e a minha preparação nula em alpinismo, é praticamente impossível que alcance o meu objectivo. Em contrapartida, sou livre de ler ou não ler, mas como aprendi a ler desde muito pequeno não se trata de coisa demasiado difícil para mim, caso decida fazê-la. Há coisas que dependem da minha vontade (e isso é ser livre), mas nem *tudo* depende da minha vontade (caso contrário, seria onnipotente), porque no mundo há muitas outras vontades e muitas outras necessidades que eu não controlo a meu talante. Se não me conhecer nem a mim próprio nem ao mundo em que vivo, a minha liberdade *esbarrará* uma e outra vez na necessidade. Mas, aspecto importante, nem por isso deixarei de ser livre... ainda que caia.

Na realidade existem muitas forças que *limitam* a nossa liberdade, ✓ dos terremotos ou doenças aos tiranos. Mas também a nossa liberdade é uma força no mundo, a *nossa* força. Contudo, se falares com as pessoas, verás que a maioria tem muito mais consciência daquilo que limita a sua liberdade do que da própria liberdade. Vão dizer-te: «Liberdade? Mas de que liberdade me estás a falar? Como seremos livres, se nos lavam o cérebro a começar pela televisão, se os governantes nos enganam e nos manipulam, se os terroristas nos ameaçam, se as drogas nos escravizam, e se além disso me falta dinheiro para comprar uma moto, que era o que eu queria?» Se reflectires um bocadinho, verás também que os que falam assim parecem queixar-se, mas na realidade estão muito satisfeitos por saberem que não são livres. No fundo, pensam: «Uf! Que belo peso tirámos de cima das costas! Como não somos livres, não podemos ter a *culpa* de nada do que nos aconteça...» Mas eu tenho a certeza de que ninguém — *ninguém* — acredita deveras que não é livre, ninguém aceita sem mais que funciona como um mecanismo inexorável de relojoaria ou como uma térmita. Uma pessoa pode considerar que optar livremente por certas coisas em certas circunstâncias é muito *difícil* (entrar numa casa em chamas para salvar uma criança, por exemplo, ou combater firmemente um tirano) e que é

melhor dizer que não há liberdade para não se reconhecer que livremente se prefere o mais fácil, quer dizer, esperar pelos bombeiros ou lamber a bota que nos pisa a garganta. Mas nas tripas sentimos qual-quer coisa que insiste em dizer-nos: «Se tivesses querido...»

Quando alguém se esforçar por te negar que nós, seres humanos, somos livres, aconselho-te a que lhe apliques a prova do filósofo romano. Na Antiguidade, um filósofo romano estava a discutir com um amigo que negava a liberdade humana e garantia que, para todos os homens, não há maneira de evitar fazer o que fazem. O filósofo pegou no seu bastão e começou a dar-lhe pauladas com toda a força que tinha. «Já chega, não batas mais!», dizia-lhe o outro. E o filósofo, sem deixar de surrá-lo, continuou a argumentar: «Não dizes que não sou livre e que quando faço uma coisa não posso evitar fazê-la? Pois então não gastes saliva a pedir-me que pare: sou automático.» Até que o amigo reconheceu que o filósofo podia livremente deixar de bater-lhe, e só então o filósofo deu descanso ao seu pau. A prova é boa, mas só deves administrá-la em casos extremos e sempre com amigos que não saibam artes marciais...

Em resumo: ao contrário de outros seres, vivos ou inanimados, nós, seres humanos, podemos *inventar* e *escolher* em parte a nossa forma de vida. Podemos optar pelo que nos parece bom, quer dizer, conveniente para nós, frente ao que nos parece mau e inconveniente. E, como podemos inventar e escolher, podemos *enganar-nos*, que é uma coisa que não costuma acontecer a castores, abelhas e térmitas. Assim, parece prudente estarmos bem atentos ao que fazemos e procurar adquirir um certo saber viver que nos permita acertar. Esse saber viver, ou *arte de viver*, se preferires, é aquilo a que se chama *ética*. Disso, se tiveres paciência, vamos continuar a falar nas restantes páginas deste livro.

Para ires lendo...

«E se agora, deixando no chão o escudo lavrado e o forte capacete e apoiando a lança contra o muro, saísse ao encontro do inexorável Aquiles, lhe dissesse que permitia aos Atridas que levassem Helena e as riquezas que Alexandre trouxe para Ílion nos côncavos navios, pois foi isso que originou a guerra, e se oferecesse para repartir com os Aqueus metade do que a cidade

contém e mais tarde fizesse os troianos jurarem que, sem nada ocultar, formariam dois lotes com quantos bens existem dentro desta formosa cidade?... Mas porque me faz o coração pensar em coisas tais?» (Homero, *Ilíada*).

«A liberdade não é uma filosofia e nem sequer é uma ideia: é um movimento da consciência que nos leva, em certos momentos, a proferir dois monossílabos: Sim ou Não. Na sua brevidade instantânea, como a luz do relâmpago, desenha-se assim o sinal contraditório da natureza humana» (Octavio Paz, *La otra voz*).

«A vida do homem não pode “ser vivida” repetindo os padrões da espécie; é *ele próprio* — cada um de nós — quem deve viver. O homem é o único animal que pode estar *aborrecido*, que pode estar *enojado*, que pode sentir-se expulso do paraíso» (Erich Fromm, *Ética e Psicanálise*).